

Kenneth Frampton: *Elogio*

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade do Porto do Professor Francesco dal Co e do Professor Kenneth Frampton

No dia de 20 de abril de 2022, quarta-feira, pelas 15h

No Auditório Fernando Távora da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Rui J. G. Ramos

Disponível em: <https://youtu.be/Q79KGOGdrJY>

Magnífico Reitor da Universidade do Porto

Diretor da Faculdade de Arquitectura

Professores Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura Padrinhos desta cerimónia

Professor Carlos Machado que proferiu a *apresentação* do anterior D. Honoris C.

Senhor Vereador da CM Porto

Cônsul Honorário de Itália e Membros do Corpo Diplomático

Presidente do Conselho Geral

Presidente do Conselho de Curadores

Antigos Reitores

Membros da Equipa Reitoral

Diretores de outras Faculdades

Administrador e Diretores de Serviços Autónomos da UP

Doutores Honoris Causa e Professores Eméritos da UP

Estimados colegas da Faculdade e da Universidade, bem como de outras Universidades

Professor Francesco dal Co e Professor Kenneth Frampton (que se viu impossibilitado de estar connosco)

Demais Convidados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Seria imprudente, no cumprimento desta tarefa, tentar elencar a vida e obra do Professor Kenneth Frampton (1930). Se por um lado, tal súmula nos oferece uma perceção geral de um percurso profissional por outro lado, a lista a seguir transcrita não transmite a profundidade, a importância e o significado do arquiteto, crítico, historiador, e fundamentalmente, do pensador influente na área disciplinar da arquitetura das últimas décadas.

- Estudou arquitetura na Guildford School of Art e na Architectural Association School of Architecture, em Londres;
- Trabalhou como arquiteto em diversos escritórios de arquitetura e foi editor da revista *Architectural Design (AD)*, entre 1962 e 1965;
- Desenvolveu uma incansável atividade acadmica e profissional, enquanto historiador e crítico de arquitetura, com vasta obra publicada e amplamente reconhecida;
-  Ware Professor of Architecture na Graduate School of Architecture, Planning and Preservation (GSAPP), na Universidade de Columbia, onde começou a lecionar em 1972;
- Nesse mesmo ano tornou-se membro do Institute for Architecture and Urban Studies, em Nova Iorque, e um dos fundadores da prestigiada revista *Oppositions*;
- Manteve ainda uma constante presença em outras escolas como o Royal College of Art, em Londres, o ETH, em Zurique, o Berlage Institute, em Amsterdão, a EPFL, em Lausanne ou a Accademia di Architettura, em Mendrisio;
- Recebeu a comenda da Ordem do Império Britânico, em 2021, pelos serviços prestados à arquitetura¹.

¹ Em 2021, recebeu o título de "Commander of the Order of the British Empire (CBE)" [Comandante da Ordem do Império Britânico] pelos serviços prestados à arquitetura.

Por outro lado, aprofundar o singular relevo de uma personalidade como Kenneth Frampton, obriga-nos a constatar, como repetidamente este nos deixa antever nos seus livros, artigos e entrevistas de que não existe apenas um Kenneth Frampton. A interpretação da sua obra deve assim começar por reconhecer a diversidade de atuação e de pensamento, que abrange diferentes temas e problemas sem perder a concretude de uma ação ligada à vida, ao quotidiano d'*O homem sem Qualidades* – parafraseando aqui a obra de Robert Musil (1880-1942). Devemos reconhecer em Kenneth Frampton múltiplos Kenneth Frampton's, o arquiteto e o militante intelectual, o professor e o editor, ou o homem atento e de curiosidade incansável². Neste sentido, não haverá um, mas múltiplos, o que permite situá-lo, com precisão, no espaço vasto do modernismo que procurou revelar e ao qual pretendeu dar sentido. Só assim este homem é tangível entre as memórias da história e as memórias do indivíduo, nutridas na ancestralidade intelectual da continuidade e da revolução, que são simples pontos de partida deixados à porta quando entramos na sua obra.³ Mas o que parece ser fragmentação na sua obra, é para nós unidade da fragmentação o que intui um modernismo como "uma crítica radical da tradição [...]" e "também uma radicalmente nova ordenação do presente, e do mundo." Ou seja, "criar uma unidade estética, [...] construir uma imagem do mundo tendo por material um monte de imagens quebradas"⁴. Esta é a ambição do modernismo que Kenneth Frampton nos propõe conhecer e compreender.

Por isto, serei conduzido a falar de um certo Kenneth Frampton, daquele que é o *Meu* Kenneth Frampton. Recordo, com a precisa luz que incidia sobre os estiradores da escola de Belas-Artes (ESBAP), a primeira vez que ouvi o seu nome. Corria o ano 1982 e tinha-se entre mãos a recente edição espanhola da Gustavo Gili⁵ do seu livro *Modern*

² FRAMPTON, Kenneth (Editor convidado), et al., 1982, *Modern Architecture and the Critical Present*, Architectural Design and Academy Editions. [agradeço a J. Moreno a possibilidade de acesso a esta e outras obras]

³ CUNHA, Gualter, 2004, "Introdução. Tempos, espaço, memórias: alguns pontos de partida para Four Quartets", in T. S. Eliot, *Quatro Quartetos*, Lisboa, Relógio d'Água, p. 16.

⁴ CUNHA, Gualter, 1999, "Introdução", in T. S. Eliot, *A Terra Devastada*, Lisboa, Relógio d'Água, p. 12-13.

⁵ FRAMPTON, Kenneth, 1981 (1980), *Historia Crítica de la Arquitectura Moderna*, Barcelona, Gustavo Gili. [Primeira edição: o livro de Kenneth Frampton, *Modern Architecture: A Critical History*, foi publicado pela Thames and Hudson (Londres) e pela Oxford University Press (USA) em 1980]

Architecture: A Critical History – publicado em 1980. Os comentários soltos dos professores, que rodeavam um pequeno grupo de estudantes, pareciam revelar um segredo contido no livro, que trazia outra luz para uma história e para uma arquitetura moderna que, naquele tempo, se defrontava com violentas tempestades. É desde esse momento, desse local, que conheço Kenneth Frampton, e só a partir dessa condição posso elencar, plenamente, três tópicos que pretendem aclarar a razão de o termos hoje conosco.

[A modernização dos costumes]

Sinto sempre relutância, talvez devido à repetição, da necessidade de recordar, que Portugal não foi sempre assim e que a condição de vida que hoje usufruímos é resultado de uma construção, conduzida por muitos, como um projeto de democracia socialmente comprometida.

A sociedade preconizada pelo regime autoritário, existente em Portugal até 1974, assentava em valores anti-urbanos, baseados numa ideia ruralista retrógrada, em políticas de género centradas no chefe de família, e numa quase inexistente mobilidade social. Mesmo quando a educação escolar se tornou obrigatória será entendida, não como um meio de formação técnico-cultural, para a melhoria da qualidade de vida, mas antes como normalização moral e cívica, vigiada policialmente e controlada pelo regime⁶.

Depois de revolução, Portugal encontrava-se em condições de subdesenvolvimento, social e económico, de forte assimetria, muito afastado dos padrões europeus, onde a experiência da arquitetura moderna, – e nesses anos, já da sua contestação –, tinha contribuído para a reconstrução do pós-guerra e para a vinculação de sociedades abertas assentes na democracia. Contudo, convém clarificar que em Portugal circulava alguma informação. Desde a renovação da Revista *Arquitectura*, em 1957, com a publicação sistemática da rubrica "Das Revista

⁶ TOSTÕES, Ana, 1997, "Modernização e Regionalismo, 1948-1961", in A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), *Arquitectura do século XX: Portugal*, Lisboa, Prestel, p. 41-54.

Estrangeiras", o meio arquitectónico português irá conhecer e debater-se com o que se passa em contexto internacional, registando-se experiências de aproximação aos movimentos europeus que questionam o Movimento Moderno, numa linha de defesa de uma maior atenção aos aspetos sociais e locais na produção da arquitetura, valorizando o contexto, os materiais, o sítio e a paisagem, observados nas formas seculares da arquitetura portuguesa.

Kenneth Frampton fez parte desta passagem de Portugal para a democracia, quando a modernização dos costumes significava a retoma popular de uma consciência alargada do mundo. As suas propostas de **"um regionalismo crítico e de uma arquitetura de resistência"**⁷ trouxeram o suporte para o reconhecimento das especificidades da arquitetura portuguesa, que assim, juntamente com outros, naquele tempo, permitiram a sua inscrição em espaços de atuação internacionais. *Poderá parecer pouco*, como diz Nuno Portas, mas seguramente legitimou a consciência de um gesto poético de auto-objetivação, fundamental até à atualidade. A invocação dos labirínticos míticos⁸ do atraso português não seriam mais um caminho. A arquitetura portuguesa, tal como acontecia com outras produções nacionais, por vias distintas, afirmou então o seu descentramento da ortodoxia arquitectónica vigente, um processo que se alonga até à atualidade, e para o qual o contributo de Kenneth Frampton foi inestimável.

⁷ FRAMPTON, Kenneth, 1983, "Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance", in Hal Foster (ed.), *The Anti-Aesthetic: Essays on Post Modern Culture*, Bay Press, p.16-30. [Primeira edição]

⁸ LOURENÇO, Eduardo, 1982 (1978), *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Dom Quixote.

[Uma arquitetura do atlântico]

Neste sentido, e indo mais longe, Kenneth Frampton contribuiu não só para a inscrição da arquitetura portuguesa num contexto europeu plural, como veio permitir, (o que se comprova atualmente), ir além de uma dimensão atlântica, entre a europa e as américas, num mais vasto reconhecimento e quadro de influências, que poderíamos chamar de uma arquitetura transoceânica.

Fazer parte de uma história é estar ao lado de outros, o que para os portugueses significou quebrar a solidão, o isolamento forçado por anos de submissão a um regime autoritário. Significou de igual modo a hipótese de estabelecer pontes e traçar comparações entre diferentes arquiteturas, reconhecendo-nos num mundo que estava, afinal, à nossa porta.

É pertinente constatar o contributo de Kenneth Frampton para um melhor entendimento do modernismo, onde se fixa uma compreensão adequada à arquitetura portuguesa, que, na verdade, nada tem a ver com fronteiras, entidades nacionais, ou códigos referenciais. Pelo contrário, como refere Maria Ramalho, "parte do princípio de que é a hetero-referencialidade das [arquiteturas] e culturas nacionais que constitui o seu modo próprio, independentemente de influências. As [arquiteturas] nacionais só são nacionais na medida em que re-situam a nação no sistema mundial, assim especificamente o re-inventado."⁹

A personalidade que melhor dá conta deste "processo de extroversão, na busca de identificações que só existem nesse mesmo ato de busca"¹⁰ é Álvaro Siza. Nenhum

⁹ RAMALHO, Maria Irene, 2007, *Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-americano*, Porto, Edições Afrontamento, p.17. [prefácio de Harold Bloom]

A palavra "literaturas", no texto original referenciado, foi substituída por [arquiteturas].

RODRIGUES, Inês Lima, 2014, *Cuando la Vivienda Colectiva era Moderna – Desde Portugal a Otros Territorios de Expresión Portuguesa. 1940 a 1974*, Tesi doctoral, Universitat Politècnica de Catalunya, Departament de Projectes Arquitectònics. Ver em particular: vol.3, capítulo "La vivienda Transoceánica", p.611.

¹⁰ Idem.

outro arquiteto serviria tão bem como ele, uma arquitetura transoceânica, na demonstração da tese aberta por Kenneth Frampton.

[O significado de Siza]

Seria desafiar os sentidos das questões colocadas, se não fosse considerada a relevância de Álvaro Siza e como nele opera o questionamento de Kenneth Frampton.

Alguns autores reconheceram em Siza um *homem singular*¹¹, artesão de uma obra arquitectónica que *nunca recusou as suas origens*¹², nem se conteve a qualquer espaço referencial, o que é raro, nessa época.¹³ Kenneth Frampton confirmou-o, ao evidenciar na sua arquitetura a proposta que teorizava naqueles anos, na barricada comum contra um feroz pós-modernismo como um estilo arquitectónico historicista que, com oportunismo de políticas neoliberais, desmantelava o estado social, perante a interrupção de crescimento económico, com a crise petrolífera dos anos 70.

Kenneth Frampton viu em Siza mais que uma hipótese. Reconheceu na sua obra a reconsideração do projeto moderno inacabado, incompleto na satisfação de um mundo mais justo, equilibrado, culturalmente diverso, e nessa medida disponível a outras leituras e a outras caminhadas arquitectónicas, sem saudosismo, nem provincianismo.

A proposta revolucionária de Kenneth Frampton, tal como a de Robert Musil (já aqui referido), Franz Kafka e James Joyce, entre outros, ou tal como no início do século XX o fizeram os homens que fundaram a *Revue des Annales*, foi a de olhar os elos mais frágeis e distantes dos centros de poder, ignorados e aparentemente esquecidos, enriquecendo desta forma narrativas históricas parciais e incompletas. Esta abordagem inusitada permitiu-lhe identificar nas arquiteturas que investigava no Norte da Europa,

¹¹ GREGOTTI, Vittorio, 1972, *Controspazio*, nº 9.

¹² SILVA, Raquel Henriques, 2012, "Nikias 60 anos depois. A pintura como vocação, ofício e reflexão", in R. Henriques da Silva, B. Pinto de Almeida, *Nikias Skapinakis: Presente e Passado 2012-1950*, Lisboa, Museu Coleção Berardo, p. 19.

¹³ Idem.

em Espanha, ou em Portugal, uma arquitetura de "resistência", de poucos recursos, que procurava dar resposta aos problemas das pessoas para a melhoria da qualidade de vida, reinventando uma arquitetura moderna que, simultaneamente, segue a sua *tradição sem sentir o seu peso*¹⁴.

Kenneth Frampton constrói conhecimento caminhando pelos locais e pelas obras, regressando aos seus arquivos, falando com as pessoas que as ergueram e com quem as habita¹⁵, para experimentar arquiteturas *periféricas* em tensão entre o local e o global, num mundo que já identifica pelo "imediatismo" do "estímulo-resposta"¹⁶ que facilmente as rejeita. Não se tratou, somente, de descobrir outras arquiteturas, mas também de um processo de "*close reading*" de nomes e obras estabelecidas, consagradas pelo cânone, e das reinterpretar numa leitura crítica, capaz de abranger a diversidade de objetivos e a variação dos processos de trabalho. A lista de interesses de Kenneth Frampton é longa, tendo considerado obras e autores que tanto constituíam terrenos fecundos como incertos, mas sempre especialmente estimulantes:

- os Arts and Crafts e as Cidades-jardins;
- Victor Horta (18861-1947), Antoni Gaudi (1852-1926), Charles Mackintosh (1868-1928), Henry Van de Velde (1863-1957)
- ou Hendrik Berlage (1854-1934);
- mas também Joseph Hoffmann (1870-1956), Otto Wagner (1841-1918), Joseph Maria Olbrich (1886-908);
- e ainda Adolf Loos (1870-1933) e Auguste Perret (1874-1954)
- e muitos outros, procedentes da arquitetura nórdica, da américa latina e da ásia.

...

¹⁴ ELISEU, José (realizador), 1970, *Raul Lino* [documentário], produzido pela Radiotelevisão Portuguesa, quando Exposição Retrospectiva da Obra de Raul Lino, Lisboa. [0:41]

¹⁵ VIDLER, Anthony, 2011 (2008), *Historias del Presente Inmediato. La Invención del Movimiento Moderno Arquitectónico*, Barcelona, Gustavo Gili. [Prólogo de Peter Eisenman]

¹⁶ INNERARITY, Daniel, 2019, *La República de los Interpretes*, Orações de Sapiência, Porto, FLUP.

A essas arquiteturas de margem – na margem do poder económico que se afirmava e de uma leitura marcadamente centro europeia – Kenneth Frampton dei-lhe um nome: "**regionalismo crítico**". Uma expressão que já vinha aprofundando em intervenções de 1971, 1974, 1980, e de 1981, até à mais conhecida publicação que consagra o texto de referência, na edição de Hal Foster, em 1982¹⁷. A ressonância deste artigo, "Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance", é inquestionável. Trata-se de um texto que irá gerar um sem fim de debates e entrevistas, de seminários, de traduções, de novas publicações e de edições especiais de revistas, onde todos pretendem tomar uma posição relativamente à interpretação da história e proposta de uma arquitetura crítica¹⁸. No entanto, a maior parte destes autores, ainda que generalizando, pareceram ignorar a fundada exigência no seu artigo de um novo humanismo do projeto arquitectónico, no abeiramento às origens culturais e à tradição, ou à urgência dos problemas ambientais, quando o mundo despertava para os aspetos da globalização e dos problemas planetários.

Não parece ter existido consenso até hoje... o que aparenta demonstrar a força da agitação das águas provocadas por este texto. Kenneth Frampton nunca se esquivou ao debate, ao esclarecimento, ao aprofundamento das suas ideias, e o seu questionamento incansável tem conduzido a perspetivas renovadas, à edição de novos livros, à publicação de novos artigos, à disponibilidade permanente para mais entrevistas.

Contudo, não posso deixar de constatar que as múltiplas iniciativas de visitar o *regionalismo crítico* estão, atualmente, novamente, na ordem do dia¹⁹, ignorando, no entanto, e por isso ocultando, alguns aspetos centrais:

¹⁷ FRAMPTON, Kenneth, 1983, "Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance", in Hal Foster (ed.), *The Anti-Aesthetic: Essays on Post Modern Culture*, Seattle, Bay Press, p.16-30.

FRAMPTON, Kenneth, 1987 (1983), "Pour un régionalisme critique et une architecture de résistance", in Jean Piel (dir.), *Critique*, Tomo XLIII, nº 476-477, Paris, Centre National des Lettres.

¹⁸ FRAMPTON, Kenneth, "Towards a Critical Regionalism... op. cit., p. 20.

¹⁹ Entre outros, a edição *Critical Regionalism Revisited*, *OASE journal*, nº 103, 2019.

- Por um lado, a situação periférica vivida em determinadas regiões e países na década de 70 e 80, em especial Portugal, como referi;
- e por outro, a produção de um discurso de dominação – contra o qual Kenneth Frampton se manifestou –, especialmente, ocidental e centro europeu, afastado da realidade, mesmo da realidade europeia, apoiado por discursos multiculturais equivocados que tanto motivam estas iniciativas.

[O trabalho dos arquitetos]

Gostaria de concluir esta intervenção evidenciando a importância que Kenneth Frampton atribui à arquitetura enquanto intermediação iminentemente política.

Refiro especialmente o seu empenho na defesa da profissão do arquiteto, – não como ato sindical ou corporativo –, no contexto das mudanças em curso nas sociedades democráticas, aprisionadas ostensivamente pelos valores do capital.²⁰

O mal-estar na profissão, diz-nos Kenneth Frampton, não pode deixar de atender os *aspectos psicopolíticos subjacente às compulsões de nossa sociedade mercantilizada*²¹. O que, para Kenneth Frampton, implica confrontar as suas circunstâncias, locais e globais, e o aproveitamento intrínseco e cruzado de diferentes aspetos.

O seu ensaio "The Work of Architecture in the Age of Commodification", de 2005, é premonitório da situação vivida e atualmente agravada em todos os sentidos, evidenciando – o que muitos tentam ignorar – os desafios colocados ao trabalho em arquitetura, deixando-nos, nesse sentido, várias constatações determinantes, nomeadamente:

²⁰ FRAMPTON, Kenneth, 2005, "The Work of Architecture in the Age of Commodification", *Harvard Design Magazine*, nº 23, p. 1-5.

²¹ Idem.

- A manifestação de que não é possível à arquitetura evitar um confronto crítico com as causas socioeconómicas que são direta e inter-dependentemente responsáveis pela degradação ambiental do mundo;
- A verificação que não é possível entender esse "mal-estar", como o autor o designa, com uma despolitização latente da profissão, onde se regista a tendência para evitar qualquer discussão entre a via do capital e a social, num processo de desacreditação histórica desta última e de triunfo do mercado;
- A observação de que, em nosso redor, todas as atividades estão mercantilizadas. Neste contexto, a produção de arquitetura passou a ser vista como uma indústria, da qual se espera a entrega de um produto, capaz de competir e de satisfazer a retórica populista, entre outros produtos bem-sucedidos;
- A constatação de que o facto de só 2% da construção mundial ser realizada com arquitetos, tende a tornar irrelevante o cerne do que é a arquitetura – afinal o que ensinamos aqui –, vindo a transformar-se num mero determinismo económico na resposta às grandes políticas, nomeadamente, de crescimento urbano desastrosas, de financeirização da habitação e dos serviços sociais.

Exige-se, por isto, à disciplina da Arquitetura a retoma da investigação para o bem-estar da população, simultaneamente sustentável e acessível, e, talvez, de novo, o regresso à esquecida palavra "participação" em processos de micro-escala.

Certamente, podíamos continuar com esta peleia de Kenneth Frampton pela tomada em mãos dos arquitetos da condição política do projeto arquitetónico, do ensino da arquitetura e do pensamento conjunto do futuro da arquitetura como área disciplinar.

Aqui, na Universidade do Porto, não será de mais sublinhar este último apelo de Kenneth Frampton. Por um lado, um apelo à consciência política, em sentido amplo, que deve fazer parte da formação arquitectónica tanto quanto qualquer outra matéria; por outro lado, a reafirmação da necessidade de manter uma dimensão ética, cultivando uma autoconsciência de resistência.

Trata-se de uma luta difícil, como tão bem refere Kenneth Frampton, na qual "quase ninguém se deu ao trabalho de arranhar a superfície desse problema"²² e, no entanto, em muitos níveis, é o maior desafio do nosso tempo.

O conjunto da sua obra e ação constitui um marco indelével e inestimável na produção teórica, crítica e arquitectónica, e a Universidade do Porto deve sentir-se honrada de lhe conceder o título de Doutor Honoris Causa.

Rui J. G. Ramos

20 de abril de 2022

²² Ibidem, p.2.

Kenneth Frampton: *Commendation*

Honoris Causa Doctorate by the University of Porto

20th April 2022, Wednesday, 3pm

At the Fernando Tavora Auditorium of the Faculty of Architecture of the University of Porto

Rui J. G. Ramos

Rector of the University of Porto

Dean of FAUP

Professors Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura Godfathers of this doctarate

Professor Carlos Machado who delivers Francesco Dal Co encomium

Deputy Mayor of the City Council of Porto

Italian and British Consuls

President of the General Council

President of the Board of Trustees

Former rectors

Members of the Rectoral Team

Deans of others faculties

University Administrator and members of the management boards

Honorary doctors and Emeritus Professors of UP

Professors Francesco dal Co e Kenneth Frampton

Dear colleagues and students

Ladies and Gentlemen

Any attempt to catalogue the life and work of Professor Kenneth Frampton (1930) in this undertaking would be imprudent. While, on the one hand, such an overview may provide us with a general perception of his professional trajectory, on the other, the list below does not convey the depth, importance and significance of the architect, critic, historian, and, above all, of the influential thinker in the disciplinary area of architecture in recent decades.

- He studied architecture at the Guildford School of Art and at the Architectural Association School of Architecture, London;
- He worked as an architect in several architecture firms and was editor of the journal *Architectural Design (AD)*, from 1962 to 1965;
- He pursued a tireless academic and professional career as a historian and critic of architecture, and boasts a critically-acclaimed oeuvre;
- He is Ware Professor of Architecture at the Graduate School of Architecture, Planning and Preservation (GSAPP), at Columbia University, New York, where he began teaching in 1972;
- In the same year he became member of the Institute for Architecture and Urban Studies, New York, and is one of the founders of the prestigious journal *Oppositions*;
- He has remained a constant presence in other schools such as the Royal College of Art, London, the ETH, Zurich, the Berlage Institute, Amsterdam, the EPFL, Lausanne and the *Accademia di Architettura*, Mendrisio;
- He was appointed Commander of the Order of the British Empire in 2021 for his services to architecture¹.

Indeed, in order to delve into the unique eminence of Kenneth Frampton, one is forced to acknowledge, as foretold in his books, articles and interviews, that there is not only one Kenneth Frampton. An interpretation of his work should, therefore, be approached by acknowledging the diversity of his action and thought, comprehending

¹ Kenneth Frampton was appointed "Commander of the Order of the British Empire (CBE)" in the 2021 Birthday Honours for services to architecture.

different themes and problems, yet without losing the substance of an action connected to life, the everyday life of *The Man without Qualities* – to paraphrase the work of Robert Musil (1880-1942). Multiple Kenneth Framptons must be acknowledged in Kenneth Frampton, the architect, intellectual activist, teacher and editor, and the attentive, tirelessly curious man². Thus, he is not one but many, and may therefore be accurately positioned in the vast space of the modernism he sought both to unveil and attribute meaning to. Only in this light is he tangible, amidst the memories of history and the memories of the man, nourished in the intellectual ancestry of continuity and revolution, mere points of departure left at the door when we enter his work.³ And yet what appears to be fragmentation in his work is, to us, a unity of fragmentation, conveying modernism as “a radical criticism of tradition [...]” and “also a radically new ordering of the present and the world.” In other words, “creating an aesthetic unity, [...] constructing an image of the world with a heap of broken images for material”⁴. This is the ambition of modernism Kenneth Frampton offers us and invites us to understand.

Hence, this leads me to speak about a particular Kenneth Frampton, *My Kenneth Frampton*. As clearly as the light that shone on the drawing boards of the school of Fine Arts (ESBAP), I recall the first time I heard his name. It was 1982 and the recent Spanish edition by Gustavo Gili⁵ of his book *Modern Architecture. A Critical History*, published in 1980, was in our midst. The loose comments of the teachers around a group of students appeared to reveal a secret contained in the book, one which shed a different light on history and modern architecture which, at that time, had many violent storms to breast. It was at that moment and in that place that I became acquainted with Kenneth Frampton, and it was that condition that determined the three topics that pay testament to his presence here today.

² FRAMPTON, Kenneth (Guest editor), et al., 1982, *Modern Architecture and the Critical Present*, Architectural Design and Academy Editions. [I thank J. Moreno for the possibility of accessing this work]

³ CUNHA, Gualter, 2004, "Introdução. Tempos, espaço, memórias: alguns pontos de partida para Four Quartets", in T. S. Eliot, *Quatro Quartetos*, Lisboa, Relógio d'Água, p. 16.

⁴ CUNHA, Gualter, 1999, "Introdução", in T. S. Eliot, *A Terra Devastada*, Lisboa, Relógio d'Água, p. 12-13.

⁵ FRAMPTON, Kenneth, 1981 (1980), *Historia Critica de la Arquitectura Moderna*, Barcelona, Gustavo Gili. [First edition: Kenneth Frampton's book *Modern Architecture: A Critical History*, published by Thames and Hudson (London), and Oxford University Press (USA) in 1980]

[The modernization of customs]

I am always reluctant to recall, perhaps due to repetition, that Portugal has not always been as it is today, and that the quality of life we now enjoy is the outcome of construction, driven by many, much like a socially committed democracy project.

The society advocated by the authoritarian regime in Portugal until 1974, rested upon anti-urban values, based on a backward ruralist idea, upon gender policies centred around the head of the family, and upon almost non-existent social mobility. Even when schooling became mandatory, it was not taken as a means of technical and cultural education geared towards improving the quality of life, but rather as moral and civic normalisation, which was subjected to heavy police surveillance and controlled by the regime⁶.

In the wake of the revolution, Portugal emerged as a socially and economically underdeveloped country, characterized by strong asymmetry. It was a far cry from European standards, where the experience of modern architecture, and its contestation during this period, had contributed to the post-war reconstruction and the establishment of open societies founded on democracy. However, it is worth noting that some degree of information was being disseminated in Portugal. Since the renewal of the journal *Arquitectura* in 1957, and the systematic publication of the feature "From Foreign Journals", the Portuguese architectural environment had become aware of the state of the art at an international level. Indeed, some endeavours were noted, aligned with the European movements that questioned the Modern Movement, in defence of greater attention to social and local factors in the production of architecture, highlighting the context, materials, site and landscape, observed in the secular forms of Portuguese architecture.

Kenneth Frampton was part of this, Portugal's transition to democracy, when the modernization of customs resided in the popular revival of a broader conscience of the

⁶ TOSTÕES, Ana, 1997, "Modernização e Regionalismo, 1948-1961", in A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), *Arquitectura do século XX: Portugal*, Lisboa, Prestel, p. 41-54.

world. His proposals for “**critical regionalism and an architecture of resistance**”⁷ paved the way for a recognition of the particularities of Portuguese architecture, as did other circumstances during that period, thus allowing for its entry in the international arena. *Perhaps not such a great feat*, to use the words of Nuno Portas, but this most likely legitimized the awareness of a poetic self-objectivation gesture, which has never ceased to be essential. Evoking the mythical labyrinths⁸ of Portugal’s backwardness would no longer be a direction. Portuguese architecture, as was the case with other forms of national production through different channels, thus asserted its deviation from the prevailing architectural orthodoxy. Kenneth Frampton’s contribution to this process, which has lasted up to the present day, was priceless.

[An architecture of the Atlantic]

In this regard, and going even further, Kenneth Frampton contributed not only to the positioning of Portuguese architecture on the plural European map, but also (as observed today) its dissemination beyond the Atlantic dimension, between Europe and the Americas, within a scope of vast recognition and influences, which we may refer to as transoceanic architecture.

Being part of a history implies being alongside others and, for the Portuguese, this meant breaking free from solitude, from the forced isolation of years of submission to an authoritarian regime. By the same token, it also brought the possibility of building bridges and establishing comparisons between different architectures, recognising ourselves in a world which, after all, was on our doorstep.

Also noteworthy is Kenneth Frampton’s contribution to a better understanding of modernism, one that is suited to Portuguese architecture and which, in fact, is also devoid of borders, national entities and referential codes. On the contrary, as referred to

⁷ FRAMPTON, Kenneth, 1983, "Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance", in Hal Foster (ed.), *The Anti-Aesthetic: Essays on Post Modern Culture*, Bay Press, p.16-30. [First edition]

⁸ LOURENÇO, Eduardo, 1982 (1978), *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Dom Quixote.

by Maria Ramalho, “it is based on the assumption that the hetero-referentiality of [architectures] and national cultures is what constitutes their own form, regardless of the influences. The national [architectures] are only national insofar as they re-position the nation in the world system, hence the re-invented.”⁹

The person who best understands this “extroversion process, in pursuit of identifications that only exist in the very act of pursuing”¹⁰ is Álvaro Siza. No other architect could incorporate a transoceanic architecture as well as him, as embodied in the theory advanced by Kenneth Frampton.

[The meaning of Siza]

Failure to consider the relevance of Álvaro Siza and how Kenneth Frampton’s inquiry operates in him would defy the meaning of the issues raised.

Some authors have acknowledged a *unique man*¹¹ in Siza, the crafter of architectural works who *never denied his origins*¹², or limited himself to any referential space, which was rare at the time.¹³ Kenneth Frampton confirmed this by revealing the proposal he had theorized throughout those years in his architecture, in the collective barricade against ferocious post-modernism as a historicist architectural style which,

⁹ RAMALHO, Maria Irene, 2007, *Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-americano*, Porto, Edições Afrontamento, p.17. [preface by Harold Bloom]

The word "literatures", in the original referenced text, has been replaced by [architectures].

RODRIGUES, Inês Lima, 2014, *Cuando la Vivienda Colectiva era Moderna – Desde Portugal a Otros Territorios de Expresión Portuguesa. 1940 a 1974*, Tesi doctoral, Universitat Politècnica de Catalunya, Departament de Projectes Arquitectònics. See particularly vol.3, chapter "La vivienda Transoceánica", p.611.

¹⁰ Idem.

¹¹ GREGOTTI, Vittorio, 1972, *Controspazio*, nº 9.

¹² SILVA, Raquel Henriques, 2012, "Nikias 60 anos depois. A pintura como vocação, ofício e reflexão", in R. Henriques da Silva, B. Pinto de Almeida, *Nikias Skapinakis: Presente e Passado 2012-1950*, Lisboa, Museu Coleção Berardo, p. 19.

¹³ Idem.

with the opportunism of neoliberal policies, dismantled the welfare state, amidst the economic slowdown triggered by the oil crisis of the 70s.

Kenneth Frampton saw more than one scenario in Siza. He acknowledged in his work a reconsideration of the unfinished and incomplete modern project, in the satisfaction of a more just, balanced and culturally diverse world, and, thus, open to other interpretations and other architectural trajectories, without nostalgia or provincialism.

The revolutionary proposal of Kenneth Frampton, just as that of Robert Musil (already mentioned here), Franz Kafka and James Joyce, among others, and in keeping with the actions of the men who founded the *Revue des Annales* in the early 20th century, was to consider the weakest links, the ignored and apparently forgotten connections, detached from the loci of power, to thus enrich the partial and incomplete historical narratives. This unprecedented approach enabled him to identify in the architectures of his research in Northern Europe, Spain and Portugal, an architecture of “resistance”, of scarce resources, which sought to respond to the problems of people with a view to improving their quality of life and reinventing a modern architecture which, at the same time, follows its *tradition without feeling its weight*¹⁴.

Kenneth Frampton constructs knowledge by walking around places and works, returning to their archives, talking to the people who built them and to those who inhabit them¹⁵, to experiment *peripheral* architectures in tension between the local and the global, in a world he already identifies for its “stimulus-response immediacy”¹⁶ and which easily rejects them. It is not solely about discovering other architectures but also a “close reading” process of established names and works enshrined in the canon, and reinterpreting them in a critical reading that encompasses the diversity of the objects and the different work processes. Kenneth Frampton’s list of interests is lengthy, comprising

¹⁴ ELISEU, José (director), 1970, *Raul Lino* [documentary], produced by Radiotelevisão Portuguesa, when the Exposição Retrospectiva da Obra de Raul Lino, Lisboa. [0:41]

¹⁵ VIDLER, Anthony, 2011 (2008), *Historias del Presente Inmediato. La Invención del Movimiento Moderno Arquitectónico*, Barcelona, Gustavo Gili. [Prologue by Peter Eisenman]

¹⁶ INNERARITY, Daniel, 2019, *La República de los Interpretes*, Orações de Sapiência, Porto, FLUP.

works and authors that represented both fertile and uncertain soil, but which are, nonetheless, particularly stimulating:

- Arts and Crafts and Garden Cities;
- Victor Horta (18861-1947), Antoni Gaudi (1852-1926), Charles Mackintosh (1868-1928), Henry Van de Velde (1863-1957)
- and Hendrik Berlage (1854-1934);
- but also Joseph Hoffmann (1870-1956), Otto Wagner (1841-1918), Joseph Maria Olbrich (1886-908);
- and additionally Adolf Loos (1870-1933) and Auguste Perret (1874-1954)
- and many others, deriving from Nordic, Latin American and Asian architecture.

...

Kenneth Frampton gave a name to these fringe architectures, on the fringe of the economic power that was establishing itself and of a markedly central European interpretation: “**critical regionalism**”. An expression progressively deepened in the speeches of 1971, 1974, 1980, and 1981, until the most well-known publication which enshrines the reference text in the edition of Hal Foster, in 1982¹⁷. The resonance of this article, “Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance”, is unquestionable. It is a text that would generate endless debates and interviews, seminars, translations, new publications and special editions of journals, all seeking to take a position on the interpretation of history and the proposal for a critical architecture¹⁸. However, most of these authors, even if generalizing, appeared to ignore the well-founded demand in his article for a new humanism of the architectural project, in the approximation to cultural origins and tradition, or to the urgency of environmental

¹⁷ FRAMPTON, Kenneth, 1983, "Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance", in Hal Foster (ed.), *The Anti-Aesthetic: Essays on Post Modern Culture*, Seattle, Bay Press, p.16-30.

FRAMPTON, Kenneth, 1987 (1983), "Pour un régionalisme critique et une architecture de résistance", in Jean Piel (dir.), *Critique*, Tomo XLIII, n° 476-477, Paris, Centre National des Lettres.

¹⁸ FRAMPTON, Kenneth, "Towards a Critical Regionalism... op. cit., p. 20.

problems, when the world was awakening to the issues of globalization and planetary problems.

Even today, there is still no consensus... which apparently demonstrates the degree of agitation caused by this text. Kenneth Frampton never evaded debate, elucidation or further development of his ideas, and his tireless inquiry has given rise to renewed perspectives, the publication of new books and articles, and to his constant availability for more interviews.

However, needless to say that the multiple initiatives to revisit *critical regionalism* are currently, and once again, the order of the day¹⁹ however, disregarding, and therefore, concealing the following central issues:

- On the one hand, the peripheral situation experienced by some regions and countries in the 70s and 80s, particularly Portugal, as I have already mentioned;
- and on the other, the production of a discourse of domination – to which Kenneth Frampton expressed opposition –, especially western and central Europe, detached from reality, from European reality itself, backed by erroneous multicultural discourses that drive these initiatives.

[The work of architects]

I would like to end this speech by highlighting the importance Kenneth Frampton attributes to architecture as eminently political intermediation.

I refer particularly to his dedication in defending the profession of the architect, not as a union or corporative act, but in the context of the ongoing changes in democratic societies, ostensibly hostage to capital value.²⁰

¹⁹ Among others, editing *Critical Regionalism Revisited*, *OASE journal*, nº 103, 2019.

²⁰ FRAMPTON, Kenneth, 2005, "The Work of Architecture in the Age of Commodification", *Harvard Design Magazine*, nº 23, p. 1-5.

According to Kenneth Frampton, the malaise in the profession cannot disregard the *psycho-political factors underlying the compulsions of our commodified society*²¹. As far as Kenneth Frampton is concerned, this involves confronting their local and global circumstances and the intrinsic and intertwined harnessing of different features.

His essay of 2005, “The Work of Architecture in the Age of Commodification”, is premonitory of the situation, nowadays intensified at every level, and highlights – what many try to ignore – the challenges presented to work in architecture. In this regard, he leaves us a number of key observations, namely:

- That it is impossible for architecture to avoid a critical confrontation with social and economic causes, which are directly and inter-dependently responsible for the environmental degradation of the world;
- That it is impossible to understand this “malaise”, as referred to by the author, as a latent depoliticization of the profession, in which one notes a tendency to avoid any discussion between the capital channel and the social, in a process of historical discreditation of the latter and market victory;
- That around us, every activity is commodified. In this context, architectural production has come to be regarded as an industry, from which the delivery of a product is expected, one that can compete and satisfy the populist rhetoric, among other successful products;
- That the fact that only 2% of the world's construction is carried out with architects tends to render the core of architecture – basically what we teach here –, irrelevant, turning it into mere economic determinism in response to the major disastrous policies, namely urban growth and the financialization of housing and social services.

Therefore, the revival of research, both sustainable and accessible, for the well-being of the population, and perhaps a return, again, to the forgotten word “participation” in micro-scale cases, are demanded of the discipline of Architecture.

²¹ Idem.

Indeed, we could continue Kenneth Frampton's fight for architects to steer the political condition of the architectural project, the teaching of architecture and the joined-up- thinking of the future of architecture as a disciplinary area.

Here, at the University of Porto, Kenneth Frampton's final appeal cannot be overstressed. On the one hand, an appeal to political awareness, in a broad sense, which should be as much a part of architectural education and training as any other subject; on the other hand, reaffirming the need to maintain an ethical dimension, cultivating a self-conscience of resistance.

It is a hard battle, as Kenneth Frampton so well explains, where “barely no one has bothered to scratch the surface of this problem”²² while, at many levels, it is the greatest challenge of our times.

His oeuvre and action represent an indelible and inestimable milestone in the theoretical, critical and architectural production on Contemporary Architecture and the University of Porto should feel honoured to confer upon him the degree of Doctor Honoris Causa.

Rui J. G. Ramos

20th April 2022

²² Ibidem, p.2.